

CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS SOBRE O PARTO NO BRASIL: FORMAÇÃO DISCURSIVA E POSIÇÕES-SUJEITO EM UMA ANÁLISE A PARTIR DO JORNALISMO DIÁRIO

Aline Reinhardt-Silveira¹

RESUMO: A forma como se dará o parto se tornou objeto de disputa e alvo de regulamentação governamental específica em uma cena discursiva contemporânea. Com base na Análise de Discurso de tradição em Michel Pêcheux, buscamos compreender, face esse fenômeno, como se configuram as posições-sujeito de um discurso jornalístico que busca noticiar e provocar, a partir do debate, alterações na forma como o parto normal e a cesariana são encarados na rede de saúde suplementar brasileira. Questionamo-nos acerca de sentidos que circulam sobre a “escolha do tipo de parto” a partir de uma formação discursiva que suporta dizeres acerca dos aspectos médicos dos procedimentos de parto ao problematizarmos, nos dizeres analisados, quem emerge como protagonista do parto (no caso, o médico) e quem é silenciado(a) (a parturiente e sua família) nas publicações noticiosas a respeito do nascimento. A partir do recorte de quatro sequências discursivas de um texto noticioso publicado no Jornal do Comércio, analisamos o funcionamento dos processos de identificação e contraidentificação das posições-sujeito identificadas nesse texto com uma formação discursiva que fala do parto a partir de uma óptica medicalizada e como atividade (dir-se-ia econômica) a ser regulamentada pelo Estado ou pelo governo. Enfocamos, por fim, o papel do lapso como índice de resistência e quebra do ritual de assujeitamento ideológico, e por cujas rachaduras vemos emergir os sentidos que constituem esse discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Posições-sujeito. Parto. Jornalismo.

ABSTRACT: In a discursive scene where childbirth preferences are object of arguments and bound to specific governmental regulation, we intent, with this work, affiliated to Discourse Analysis theory with tradition in Michel Pêcheux, to apprehend the subject positions of a journalistic discourse that aims to inform about and promote changes in the way natural childbirth and Caesarean operation are faced in Brazilian supplemental healthcare sector. It's also our purpose to apprehend what meaning-effects circulate about the chosen procedure to childbirth from a discursive formation that bears the sayings about the medical aspects of such childbirth procedures. To do so, we problematize the text extracts in analysis to identify who emerges as the leading figure of childbirth (in this case, the medical doctor) and who is silenced (the woman and her family) in journalistic publications about birth. We focus on four discursive sequences extracted from a news piece published at south-Brazilian's Jornal do Comércio and analyze the subject positions process of identification and counter-identification with the universal subject of a medical and economical discourse formation, yet to be nominated in our research. At last, we focus on the role played by the lapse as index of resistance and a breach of the ideological subjection ritual, trough its cracks we can see emerge meanings that constitutes this discourse.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Subject positions; Childbirth. Journalism.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (PPGL-UCPel) sob orientação da Profa. Dra. Ercília Ana Cazarin e Jornalista na Universidade Federal do Pampa (Unipampa). aline.reinhardt@gmail.com.

O nascimento pode ser considerado um dos acontecimentos mais corriqueiros e ao mesmo tempo mais especiais relacionados à existência de toda a humanidade, e o parto, inextricavelmente ligado ao nascimento. Pelo menos em tese. No Brasil contemporâneo, a via por onde o parto se dará, se pelo tradicionalmente chamado parto normal ou se pela intervenção cirúrgica conhecida como cesariana, tornou-se temática de disputa de sentidos, tensão entre classes e chega a ganhar os contornos de problema de saúde pública. Essa disputa entre concepções perpassa manifestações desde o Ministério da Saúde a partir de seu aparato institucional de comunicação até as grávidas em seus perfis pessoais em redes sociais digitais.

Os sentidos em torno do parto não se restringem aos polos normal x cesárea; relacionam-se a todo o campo chamado de parto humanizado e colocam em discussão a questão da medicalização do nascimento de forma global. Entretanto, para este trabalho, nosso foco recairá sobre textos jornalísticos publicados a partir de medidas governamentais em busca da diminuição dos índices de cesáreas nesse âmbito do atendimento de saúde que “permite” a opção entre as duas formas de parto. Ressalva-se aqui que a dita possibilidade de escolha, na forma como se apresenta, é reservada à parcela da população que tem condições (financeiras) de acesso à rede de saúde suplementar formada pelos planos de saúde e outros operadores de contratação particular.

Para compreender os efeitos de sentido que circulam a partir do discurso sobre a aparente dualidade parto normal x cesariana nas diferentes formas de fazer comunicação social e jornalismo no Brasil, buscamos embasamento teórico-metodológico-analítico na Análise de Discurso filiada aos estudos de Michel Pêcheux. Apoiados nesse alinhamento, compreendemos e consideramos, desde o efeito de início e ao longo de todo o trabalho, um sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, e o qual se constitui no e pelo discurso (PÊCHEUX, 2014; ORLANDI, 2015; ERNST-PEREIRA, 2009; INDURSKY, 2008), sujeito esse que não coincide com o indivíduo ou com o sujeito empírico.

O ponto inicial de nossa análise é a reportagem publicada em três matérias pelo Jornal do Comércio à luz do debate gerado, no âmbito da classe médica e de operadores de saúde, a partir da Resolução Normativa nº 368² da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). A agência é responsável por regular a rede suplementar de planos de saúde e convênios no Brasil e a referida resolução, publicada em janeiro de 2015, “dispõe sobre o direito de acesso à informação das

²Disponível em <http://www.ans.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&task=TextoLei&format=raw&id=Mjg5Mg==>. Acesso em 27 de julho de 2016.

beneficiárias aos percentuais de cirurgias cesáreas e de partos normais, por operadora, por estabelecimento de saúde e por médico [...] no âmbito da saúde suplementar”. Na prática – e tais objetivos são expostos em campanha da ANS chamada “Parto é Normal”³ –, a medida visa reduzir o número de cesáreas realizadas no âmbito da saúde suplementar, opção que a própria ANS classifica como ‘elevada’ e ‘alarmante’, chegando a representar 84% do total de partos realizados na rede suplementar no Brasil. A resolução e a campanha fazem parte de uma série de medidas tomadas pelo Ministério da Saúde e pela ANS a fim de envolver médicos e demais profissionais da saúde, operadoras dos planos e hospitais na diminuição do índice de cesarianas tidas pela agência como desnecessárias.

A série de reportagens foi veiculada entre os dias 2 e 4 de março de 2015 nas edições impressas do Jornal do Comércio, veículo jornalístico de publicação diária com sede em Porto Alegre e distribuição estadual. Em atividade desde 1933, o Jornal do Comércio se apresenta⁴ como tendo o objetivo de “fazer um jornalismo focado para o setor econômico do Rio Grande do Sul”. A apresentação institucional do periódico o coloca como voltado a empresários, executivos e profissionais liberais, com o que considera “conteúdo sério e comprometido com as pessoas de decisão”. O diário também conta com um veículo digital⁵ por meio do qual, assim como no impresso, se propõe ser “o jornal de economia e negócios do RS”. Foi pela versão disponível na Internet que tivemos acesso à série selecionada para este trabalho.

É diante deste cenário de uma publicação que se dirige aos empresários a partir de um lugar de fala de jornal especializado na temática econômica e comercial que podemos considerar a peça que aqui nos interessa. Ao pé de cada reportagem foi disponibilizado um breve comentário sobre o que a matéria do dia seguinte traria. Na primeira, lê-se ao final: “Amanhã, o JC conversa com profissionais da saúde acerca da responsabilidade de cada ator no alto índice de cesáreas registrado no Brasil”⁶. Já na edição de 3 de março de 2015, ao pé da publicação número dois do total de três reportagens lia-se: “Amanhã, na última matéria da série, a reportagem ouve profissionais da saúde e da área jurídica sobre o direito da mulher de escolher entre o parto normal e a cesariana”⁷. A terceira e última matéria, publicada em 4 de março de 2015⁸, é a qual

³ Disponível em <http://www.ans.gov.br/parto-e-normal>, acesso em 27 de julho de 2016.

⁴ Histórico do Jornal do Comércio disponível em <http://www.portaldereacionamentojc.com.br/institucional/historico/>, acesso em 29 de setembro de 2016.

⁵ Acessível em <http://jcrs.uol.com.br/>.

⁶ Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=188978>, acesso em 27 de julho de 2016.

⁷ Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=189107>, acesso em 27 de julho de 2016.

mais nos interessa e da qual recortamos as sequências discursivas em estudo.

Nessa peça, assim como nas que a antecederam, encontramos na forma de fonte jornalística apenas a voz de profissionais médicos e jurídicos, representantes dos devidos conselhos e associações de classe. A mulher, que em última instância e até que se prove o contrário, é quem pode parir⁹, não figura, não é fonte, não é considerada dentro do espectro daqueles que têm algo a dizer sobre o parto. Editorialmente, o discurso começa a ser percebido em sua materialidade já a partir das decisões acerca de quem ouvir, quem considerar ator ativo do factual enquadrado no trabalho jornalístico.

Ao buscar adentrar na análise da textualidade à qual nos deparamos enquanto materialidade de um processo discursivo a ser estudado, consideramos os conceitos-chave *falta*, *excesso* e *estranhamento* propostos por Ernst-Pereira (2009) como ponto de partida para observação do *corpus*, com o intuito de reconhecer “sequências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos” (ERNST-PEREIRA, 2009, p.2). Ao nos valermos desses conceitos para a configuração de um caminho para identificar os elementos a serem destacados para a análise, chegamos ao recorte de quatro sequências discursivas que acreditamos nos permitirão desenvolver o gesto de análise pretendido.

Também, ao configurar o gesto de análise, levamos em conta os ensinamentos de Pêcheux, para observar o equívoco, o lapso, o ato falho como emergência do impossível da língua, mas que é pela própria língua que se manifesta. A partir do equívoco, então, apresentamos a primeira das sequências discursivas a serem observadas:

SD1: "Se o bebê estiver em perigo, o médico pode intervir. Mas, às vezes, não se trata nem de escolha, porque **ele** acaba não sendo **verdadeiro** e a cesárea vira uma imposição", diz. "Não é de forma direta, mas a exposição deliberada de mais contras do que prós pode convencer a mulher de que a cesárea é o procedimento mais adequado." (destaque nosso)

As aspas, na sequência discursiva acima, marcam a citação direta da fala de uma fonte entrevistada para a reportagem, no caso a secretária da Comissão da Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio Grande do Sul (OAB-RS) à época da publicação.

⁸ Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=189271>, acesso em 27 de julho de 2016.

⁹ Nesse ponto, sentimos a necessidade de fazer um aparte na análise que desenvolveremos nas próximas páginas: nem mesmo a possibilidade de conjugação do verbo parir na terceira pessoa do singular do presente do indicativo é livre de controvérsias ou bem aceita pela chamada norma culta. Questão constitutiva da língua e possivelmente indicativa das questões ideológicas imbricadas. Caberá ser estudo de futuro trabalho nosso.

Provoca-nos, nessa sequência discursiva, o item lexical “ele”, que na SD cumpre papel de retomada. Dois gestos de leitura são possíveis na interpretação dessa retomada: “ele” refere-se à perigo, ou “ele” retoma “médico”. Não cabe aqui compreender a dupla possibilidade de leitura como erro, ou vício de linguagem, buscando apontar uma, ou outra opção, mas sim uma interpretação de tipo e/e (Pêcheux, 2014 [1975]), em que podemos alcançar sentidos que dizem, a um mesmo tempo, “ele, o perigo não é verdadeiro” e “ele, o médico não é verdadeiro”.

A abertura para a dupla interpretação, para isso que em outros espaços poderia ser chamado de ambiguidade, nos permite adentrar aos sentidos que constituem o texto em análise. A falha, se há, é aquela do ritual de interpelação do sujeito pela ideologia, como nos ensina Pêcheux (2014 [1975])¹⁰. E, se não há ritual sem falhas, é pelas rachaduras constitutivas desse processo de interpelação que emergem os sentidos do discurso.

Ao se considerar que o pronome pessoal "ele", na SD acima, possa retomar o item "médico", compreendemos que os sentidos apontam para a falta de veracidade nas informações apresentadas por um profissional, o qual acaba por impor um procedimento sob a máscara de uma suposta oferta de opções. A ideia de estarmos diante de uma espécie de lapso ou ato falho se sustenta em função da segunda parte da sequência discursiva, a segunda entrada das aspas de citação da fala da fonte. A explicação ao final do recorte nos permite compreender que a exposição da perversidade médica não pretendia, no nível da argumentação, ser tão explícita. Somam-se a isso as restrições jornalísticas, da ordem da ética e da prática, que impediriam a publicação de uma afirmação tal como “o médico não é verdadeiro” ou “o médico falta com a verdade” sem cair no escopo do crime de difamação. Ao compreender esse uso como ato falho – lapso esse que, para a análise, independe quem o cometeu originalmente, se a fonte em questão, ou se de quem redigiu a matéria, a repórter que assina o texto e assume o efeito de autoria –, vemos tal episódio como indício para podermos adentrar o discurso através da língua.

Pêcheux afirma, no Anexo III de *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, que:

Aprender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, ‘uma palavra por outra’ é a definição de metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso. (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 277)

¹⁰ A indicação do ano de 2014 da obra de Michel Pêcheux utilizada como referencial para este trabalho refere-se à 5ª edição de *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, cuja publicação original na França tradicionalmente conhecida data de 1975.

O lapso aqui apontado é sintomático da quebra no ritual de interpelação ideológica do sujeito sob um complexo de formações em que a dominante aponta para a defesa dos interesses do médico acima dos interesses de quem necessita de atendimento de saúde. Pêcheux (2014, p. 278), no mesmo Anexo III, se/nos pergunta se “não estaria a série analítica sonho-lapso-ato falho-Witz encontrando obliquamente aqui algo que infecta constantemente a ideologia dominante, do próprio interior das práticas em que ela tende a se realizar?”. É dessa forma que compreendemos o equívoco: como uma vitória do lapso nas falhas da interpelação ideológica a qual constitui o sujeito e como indicativo de resistência no interior da formação discursiva na qual se inscreve.

Ao dizer, no nível da formulação, dessa escolha que é interdita à mulher, dessa escolha, que em última instância (e em primeira também), é premissa do médico, os elementos destacados nessa sequência discursiva nos permitem ancorar na textualidade os sentidos que constituem o texto de que o protagonista do parto é o profissional médico, e não a parturiente. A ela, é relegado o silêncio, a falta de voz, a impossibilidade de escolher. A ela, é negado o verbo parir, o substantivo parturiente, e apenas o item "parto", cristalizado em nome e destituído da humanidade da mulher, restringido ao procedimento e recalçado enquanto ato biológico animal, é permitido no âmbito dos dizeres dessa formação discursiva que entende o parir como atividade econômico-social a ser instrumentalizada, e não humanizada.

Mesmo ao se falar em mudança nas regras do parto, na busca de um fim à chamada epidemia da cesariana e nas iniciativas a favor do parto normal, o protagonismo e a possibilidade de decisão continuam sendo do médico – caracterizado pelo masculino tanto no nível da formulação quanto no da constituição –, do homem "de ciência" e "de saber" visto como aquele capaz de tomar as decisões que precisam ser tomadas. À mulher, cabe parir, e nem mesmo isso é uma escolha. Ao médico, no âmbito do plano de saúde, conforme o escopo dos textos aqui analisados, a ele cabe a decisão de acompanhar ou não a gestação de uma possível paciente. À grávida, a opção é apenas uma: dar à luz a seu bebê, sejam quais forem as condições para tanto, já que o oposto encontra como fim apenas a morte.

Formação discursiva e modalidades de tomada de posição

Identificamos, nesse conjunto de textos tomados como referência para a análise, a heterogeneidade de posições-sujeito inscritas em uma formação discursiva (FD) que faz circular

os sentidos de protagonismo do médico em relação ao parto no caso específico brasileiro, FD essa ainda a ser nomeada em nossa pesquisa¹¹ e que denominamos provisoriamente neste trabalho FD1. Tal FD1, conforme a estamos caracterizando, comportaria tanto posições a favor e contra a cesariana e/ou o parto normal realizado de forma hospitalar/medicalizada¹², afastando-se de uma outra formação discursiva mais relacionada à ideia de parto humanizado, uma FD que carregaria os sentidos de protagonismo da parturiente e de respeito à decisão informada e autônoma da mulher com relação ao seu parto.

Os dizeres presentes na série de reportagens em análise (e aqui exemplificados pelas sequencias discursivas selecionadas) podem ser vistos como regulados por essa FD1, permitindo entender uma heterogeneidade de posições-sujeito, as quais tanto se identificam com a forma-sujeito que estrutura essa FD, ou seja, a opção pela máxima intervenção do médico, representada atualmente pela cesariana, quanto se contraidentificam ao defender o parto natural, mas sem chegar a deslocar seus sentidos em direção à FD do parto humanizado.

É a partir de Courtine (2009) que buscamos o entendimento sobre posição de sujeito, concebida por ele como “uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD.” (COURTINE, 2009, p.88). Ainda esse autor nos traz que a forma-sujeito é a instância de onde podem ser enunciados elementos de saber dados como evidentes. A forma-sujeito é o ponto, na FD, em que se ancora a estabilidade referencial desses elementos, sendo o sujeito universal aquele constituído no interior da FD que “garante ‘o que cada um conhece, pode ver ou compreender’” (COURTINE, 2009, p.74) no âmbito dessa formação discursiva. Pêcheux (2014, p.199), ao falar sobre a forma-sujeito enquanto relação de desdobramento entre sujeito da enunciação e sujeito universal, nos ensina sobre os processos de identificação, contraidentificação e desidentificação, como se segue.

A primeira modalidade de tomada de posição, nomeada como identificação, consiste no mais próximo de uma superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal (e dizemos o mais próximo, pois não há processo de identificação plena e absoluta). É a modalidade em que o sujeito, dito aqui “bom sujeito”, se identifica, em seu discurso, com os saberes da FD, “de modo que a ‘tomada de posição’ do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do ‘*livremente consentido*’” (PÊCHEUX, 2014, p.199), ou seja, o sujeito seria determinado de forma cega e

¹¹ A temática abordada nesse artigo compõe os passos iniciais da pesquisa para dissertação de mestrado no âmbito do PPGL/UCPel ao longo de 2016 – 2017.

¹² Estamos compreendendo o conceito de medicalizado aqui o tratar algo como questão ou problema médico *a priori*.

realiza seus efeitos sob a ilusão de liberdade plena. O resultado desse processo é um efeito-sujeito, afetado pelas duas modalidades de esquecimento, configurado sob a ilusão da unicidade imaginária do sujeito e sob a ilusão de ser a origem e dono de seu dizer (INDURSKY, 2008; ORLANDI, 2015; PÊCHEUX, 2014; PÊCHEUX, 2015).

Na figura de “mau sujeito” estaria a modalidade da contraidentificação. Nessa modalidade, “o *sujeito da enunciação* ‘se volta’ *contra o sujeito universal* por meio de uma ‘tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma *separação* [...] com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe ‘dá a pensar’” (PÊCHEUX, 2014, p.199). É essa tensão na e sobre a forma-sujeito (INDURSKY, 2008) que instaura a divergência no âmbito da formação discursiva. Entretanto, essa condição de contradição é ainda suportada pela formação discursiva. Em outras palavras, a heterogeneidade instaurada por essa tomada de posição diferente, divergente, contraidentificada, ainda faz parte dos dizeres de uma formação discursiva dada, mesmo que a ilusão de identificação com a forma-sujeito dessa FD não se dê de forma plena.

Já quando a tomada de posição do sujeito do discurso diverge de tal maneira da forma-sujeito de uma dada FD a ponto de os saberes vinculados se tornarem insustentáveis no âmbito dessa formação discursiva, há o “trabalho (transformação-deslocamento) da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p.201), característico da modalidade de desidentificação. Nessa terceira modalidade, a ideologia não desaparece, mas funciona às avessas, “sobre e contra si mesma, através do ‘desarranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo).” (PÊCHEUX, 2014, p.202). É o constructo teórico dessa modalidade que nos auxilia a caracterizar os processos discursivos nos quais há uma espécie de “migração” desde o discurso esperado/prototípico de uma FD até a identificação com o discurso de outra FD intrincada no todo complexo com dominante do qual nos fala Pêcheux em sua obra.

É por meio das duas modalidades em que o sujeito é “mau” que podemos compreender a não homogeneidade da noção de formação discursiva, ou seja, sua natureza heterogênea, a porosidade inerente à configuração dessas regiões do saber imbricadas com/nas formações ideológicas e a possibilidade de certa “liberdade”, não total determinação ou capacidade de mobilidade do sujeito entre saberes e dizeres possíveis (e impossíveis).

O conceito de formação discursiva também é compreendido a partir das proposições de Pêcheux, quando na mesma obra o autor traz que

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). (PÊCHEUX, 2014 [1975], p.147).

Assim, em Análise de Discurso, os sentidos se dão na e pela formação discursiva, ou seja, é no interior da FD que os elementos lógico-linguísticos de um enunciado tomam um sentido, “de modo que, em última instância, será a configuração das formações discursivas no interior das quais se inscreve uma subjetividade dada que determinará o sentido que esse enunciado tomará” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p.207). Compreendendo o funcionamento das formações discursivas no “estabelecimento” dos sentidos, podemos compreender a não evidência dos ditos sentidos, ou melhor dizendo, uma aparência de evidência dos sentidos e de transparência das palavras e expressões. Em outros termos, a língua é opaca, e é sobre essa opacidade que o analista de discurso deve se debruçar em seu fazer.

Por esse motivo Pêcheux diz

que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma [...] que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2014 [1975],p.149)

O autor esclarece, e nos parece importante destacar, que a correspondência das formações discursivas com a ideologia não se dá em coincidência ou equivalência pura. Há, sim, uma intrincação das formações discursivas nas formações ideológicas, “intrincação cujo princípio se encontraria precisamente na ‘interpelação’.” (PÊCHEUX, 2014 [1975],p.147).

Voltemos à análise da SD1 e à noção de lapso. Na Análise de Discurso, é pelo equívoco, pela falha, pelo lapso, pelo ato falho etc. que o real da língua se deixa vislumbrar, e o impossível se materializa. "O 'real da língua' é, portanto, o impossível que lhe é próprio." (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.52).

Ao compreender o real como essa instância inatingível, Gadet e Pêcheux nos ensinam, em *A língua inatingível*, que a Análise de Discurso busca "fazer trabalhar o real da história, como uma contradição da qual o impossível não seria foracluído" (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.52),

ou seja, o impossível não estaria fora do 'registro' da percepção simbólica do indivíduo/sujeito, mas sim seria constitutivo da língua; estaria lá, recalcado, mas não foracluído.

Na mesma obra, os autores (fazendo menção às ideias de J-C Milner), explicam: "Sem a poesia, afirma ele, nós não teríamos a ideia de que a língua se inscreve no real, e os trocadilhos, lapsos etc. seriam acidentes." (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.63). Em outro texto, Gadet e Pêcheux explicam que "não há 'desvio' - e, portanto, não há linguagem 'poética'. Há somente um processo geral de linguagem" (PÊCHEUX, 2016, p. 104). É o que os autores expõem:

Não há poesia porque o que afeta e corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela: o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história. (GADET; PÊCHEUX, 2004, p.64)

Ousamos dizer que é materializando o impossível, o desvio de se retomar a um mesmo tempo “perigo” e “médico”, é neste pequeno lapso análogo a outros tão comuns no fazer jornalístico, que vemos o ponto de encontro entre língua e história e temos condições de desfazer a evidência (ideologicamente “criada”) da argumentação que apregoa como responsável pela epidemia de partos por cesariana a prerrogativa de escolha da mulher pela via que se dará o procedimento.

A configuração das posições-sujeito observáveis nesse texto se dá de forma heterogênea, e o lapso – atribuído na horizontalidade do texto a um outro locutor, a uma fonte que aparece marcada pelas aspas da citação jornalística – aponta para a possível falta de ética e compromisso com o bem estar pleno, físico e emocional da gestante e do bebê por parte do profissional médico (entendido não como indivíduo, mas como representativo de todo um sistema de saúde que assim atua, como sujeito histórico, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente).

O lapso em tela permite ver o processo de contraidentificação que se instaura em relação à forma-sujeito da FD1. Voltamos aqui à ideia trabalhada mais acima da falha constitutiva de todo ritual de interpelação do sujeito pela ideologia. É da rachadura do ritual, da resistência que aí se instaura, que podemos ver o processo de contraidentificação acontecer (e quiçá, em outros recortes e outros textos, a desidentificação de fato se levar a cabo).

Contudo, o estranhamento (ERNST-PEREIRA, 2009) advindo da leitura com vistas na análise do texto em questão faz-nos debruçar sobre três sequências discursivas que enfocam o fazer do médico.

SD2: [...] via de regra, o médico é refém da vontade da paciente.

SD3: A cesárea, que tem hora marcada e duração prevista, facilita a vida do médico [...]

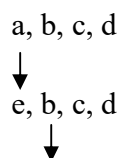
SD4: “A remuneração baixa imposta pelos planos estrangula os médicos e os hospitais.”¹³

É o médico quem, à luz do parto, tem vida, e que diante de tal pode ser "estrangulado". É quem pode ser remunerado para viver. É o médico (além de todo o sistema de saúde) o ente que tem voz e dizer, quem é digno de ser escutado e vir a ser fonte do trabalho jornalístico empreendido. É o médico, ao lado do sistema econômico que o sustenta, quem protagoniza o parto e o discurso sobre o parto na FD1 aqui configurada. E, ao ser protagonista de um ato associado à dor, ao risco de vida e ao sofrimento, o profissional é apresentado como uma vítima.

A circulação de sentidos que trazem o médico como vítima do sistema de saúde e da sala de parto e como protagonista do momento de parir, em nossa compreensão, permite que liguemos esse processo ao de identificação da posição sujeito com forma-sujeito da FD1, sustentando e reproduzindo o discurso dessa FD.

Para esta parte de nosso trabalho, tomamos de empréstimo a proposição de Orlandi (2015) para operacionalizar a análise por etapas à luz da paráfrase e da metáfora, assim como entendidas pela AD a partir de Pêcheux. Considerando a metáfora como “constitutiva do processo mesmo de produção de sentido e da constituição do sujeito” (ORLANDI, 2015, p.77), buscamos fazer trabalhar, a exemplo da autora, o efeito metafórico, dando espaço ao deslize como deriva a fim de explicitar esse lugar da interpretação. A ideia é desnaturalizar a relação palavra-coisa (ibid.) diante da conceituação de formação discursiva e da administração de sentidos empreendida na/pela FD conforme exposto mais acima.

Se



¹³ As aspas aqui, novamente, são reproduzidas a partir do texto em análise, e marcam, jornalisticamente, a fala em citação direta a uma fonte ouvida pela reportagem para a construção da matéria. Na SD4, a fala é do vice-presidente do Conselho Federal de Medicina à época da publicação.

e, f, c, d
 ↓
 e, f, g, d
 ↓
 e, f, g, h

propomos, a partir da SD2, o seguinte raciocínio:

o médico é refém da vontade da paciente
 ↓
 o curador é refém da vontade da paciente
 ↓
 o curador é cativo da vontade da paciente
 ↓
 o curador é cativo do capricho da paciente
 ↓
 o curador é cativo do capricho daquela que sofre

Estamos propondo aqui pensar também que, se o que é dito sempre pode ser dito de outra maneira, no entendimento de efeito metafórico, também o que é dito (formulado) de uma maneira pode ser formulado sintaticamente de outra forma. Um cruzamento de “setas” na ordem dos elementos da formulação também nos auxiliaria a melhor compreender esse processo discursivo. Assim teríamos:

o médico é refém da vontade da paciente
 ↓ ↓ ↓ ↓
 o curador é cativo do capricho daquela que sofre
 ↓ ↓ ↓ ↓
o capricho daquela que sofre sequestra [a vontade] do curador

Buscando dizer o dito de outra maneira, as substituições e as inversões nos permitem compreender que o enunciado beira o *non-sense*, em que um profissional em tese dedicado à cura dos males se tornaria cativo de alguém que sofre, seria a vítima da vontade da própria vítima. Isso que estamos configurando como um *non-sense* do campo das relações sociais, em que o oprimido

(o que sofre) é dito senhor-sequestrador daquele que personifica o exercício do poder de curar, a nosso ver, é sintomático da distorção social da relação médico-gestante no processo de parto no Brasil, e sintomático do posicionamento tomado pelos serviços de saúde.

Mesmo quando pronunciamentos institucionais falam em mudança no tratamento ao parto, é ao médico que estão falando. A vontade da gestante (ou mesmo a possibilidade de construir uma opção a partir da informação) não é abarcada, discursivamente, pela FD1. A vontade do médico é “defendida” no âmbito dessa FD ao ponto de essa formação discursiva autorizar em seu âmbito a expressão do temor de que a vontade dessa classe (médica) possa ser sequestrada pela “ousadia” do querer da classe gestante.

Para efeito de fechamento

Retomamos Pêcheux, que nos diz:

todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, [...] não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma 'infelicidade' no sentido performativo do termo - isto é, no caso, por um 'erro de pessoa', isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação. (PÊCHEUX, 2014, p.56)

É essa não identificação plena que podemos apreender ao analisarmos ocorrências de equívoco ou ato falho, quando da análise de sequências discursivas que nos permitem iniciar a configuração de uma formação discursiva relacionada ao parto medicalizado. As sequências discursivas também nos permitem saber da modalidade de identificação que as posições-sujeito desse discurso observado com a forma-sujeito da FD.

Tantas outras questões e focos de análise poderiam ser levantados e analisados a partir das sequências discursivas que figuram nesse trabalho, ou tantas outras sequências disponíveis nos textos em questão poderiam ser levantados, e ainda tanto mais a analisar sobre silenciamentos e interdições de dizeres e personagens seria possível.

Por ora, buscamos o efeito de fechamento deste artigo entendendo que, se uma FD regula o que pode ser dito e o que não pode ser dito em determinado discurso, ousamos compreender que até mesmo a fala da gestante é interdita no âmbito dessa FD. Como classe (a ser) oprimida, a grávida, com suas especificidades, necessidades e pensares, tem a voz interdita na formação

discursiva que faz circular o discurso acerca de seu parto, de seu corpo. O corpo da grávida, a partir desse entendimento, não lhe pertence enquanto objeto discursivo. Aí está para ser dito sobre, mas não para dizer – pelo menos não dentro do escopo da cobertura jornalística que tenta dar conta da temática em colunas espremidas entre anúncios e editoriais.

São esses efeitos de sentidos permitidos pela formação discursiva tida como dominante no gesto de análise que buscamos empreender ao longo destas páginas, a qual se nos permitiu descrever posições-sujeito identificadas e contraidentificadas com essa FD1. Tomadas de posição que, de uma forma e da outra, no âmbito do recorte feito a partir de um veículo jornalístico de negócios feito para pessoas de negócios, mantêm a prevalência dos sentidos que colocam o médico como protagonista “por direito e notório saber” (se nos é permitida a ironia) do parto, tido como um problema a ser atendido, algo a ser medicalizado e a ser alijado de seu caráter humano, biológico e feminino.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução Cristina Birck et. al.. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: *SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso, IV.*, 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...*Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua / Organizadoras: Solange Mittmann, Evandra Grigoletto e Ercília Ana Cazarin*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et. al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: textos escolhidos* por Eni Puccinelli Orlandi. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et. al. 4. ed. Campinas: Pontes, 2016.

Artigo recebido em fevereiro de 2017.
Artigo aceito em maio de 2017.